

CôA Visão₂₈

Economia
Ciência
Cultura
Poética

CÔAVISÃO 28

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lobão, Lda.
Almada

DEPÓSITO LEGAL

121116/98

ISSN

2183-234X

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Vinhas doiradas...
Fotografia de Adriano Ferreira

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2026

PERIODICIDADE

Anual

ÍNDICE

PREFÁCIO 5

INTRODUÇÃO

Os Coordenadores 7

ECONOMIA

Despovoamento e desenvolvimento territorial na Europa: uma análise crítica a partir da economia regional, da governação multinível e da inovação social

José R. Pires Manso 11

Valoração social, apropriação territorial e governação patrimonial nos Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa

José Paulo Francisco 17

Gil Vicente, beirão, nasceu em Guimarães de Tavares

António Fortes 35

Senabrés, a llengua de casa

Daniel Boyano Sotillo 43

Novas figuras antropomórficas do Paleolítico Superior na arte do Côa, em dois sítios da margem direita do Douro: Vale de João Esquerdo e Vale do Esfola Cabras

Mário Reis 49

Comunicação ancestral: o estudo da arte rupestre

José Moreira 59

As gravuras rupestres da ribeira da Gravata. Grafismos simbólicos de uma comunidade pastoril (Maçores, Douro Transmontano-Raiano)

RESEÑA

Madelín Zeida Pupo Santiesteban. . 77

CIÊNCIA

Regresso à Penascosa (quase) 30 anos depois da inauguração do PAVC

Thierry Aubry, Miguel Almeida, Sílvia Aires, André Ferreira, Luís Luís, Patrícia Ramos, André T. Santos e Marcelo Silvestre 81

Trabalhos Arqueológicos em Castanheiro do Vento: 2025

João Muralha e Américo Araújo . 93

Dados Arqueológicos na Região do Baixo Côa. O Fim do Mundo Antigo e o Começo da Idade Média

António N. Sá Coixão 107

30 Anos do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Europa, Memória e Pensamento Fozcoense

João Paulo Lucas Sousa 123

Ritos del fuego en la Raya hispano-portuguesa. Hogueras tradicionales en Ciudad Rodrigo

José Ignacio Martín Benito 127

O sempre surpreendente engenheiro agrónomo Artur Saraiva Castilho

Aires Diniz 137

«Pinhel Guarda-Mor do Reino - o Concelho no Século XIX»: a Interpretação Histórica de Marinho dos Santos

José Luís Lima Garcia 153

Como ver agora os sindicatos?

João Freire 165

El arte de la filigrana en el noroeste peninsular. Aportación a los orígenes y paralelos etnográficos

José Miguel Sánchez Benito 169

João da Chela chamado por Carlos d'Abreu

Paulo Jorge Brito e Abreu 181

CULTURA

**Marmalho – Uma palavra,
um mistério, um milagre**
Albino Matos187

**Uma pérola cintilante no Alto-
-Douro! Apontamentos históricos
da comunidade paroquial da Póvoa
da Veiga da Terra de Santa Maria
e a génese devoção a Santa Maria
da Veiga - séculos XIII/XV**
Luciano Moreira191

**A revolta do Vilarinho
da Castanheira contra o imposto
do trabalho braçal (1938)
(uma primeira abordagem)**
Carlos d'Abreu..... 207

**Ferrocarril en la Raya – ese
problema sin solución**
Ángel Centeno.....217

**Una excursión a la “sacristía
de Camporredondo”**
Carlos García Medina 223

**Telmo Ferraz, A Gramática
de uma Fidelidade Centenária.
Um Século de Lodo e Estrelas**
Henrique Manuel Pereira.....227

Um rio ímpar e universalista
Paulo Cordeiro Salgado231

Esperantiso, lingvo internacia
Roxana Paz & Roger Prieto..... 237

Desde cuando...
Jesús Gómez Morante 243

Poética
Augusto Pedregoso 253
Carlos d'Abreu..... 254
Carmen del Rio Bravo..... 255
Carmen Herrera Castro 256
Edison Alves..... 257
Helena Carvalho 258
Josep Mata..... 259
Karlotti do Vale 260
Luís Maçarico.....261
Mohamed Hammú 262
José Carlos Garrucho 263

Portefólio
Victorino Calderón 265

Anexo
Pedro Duarte 303
Gustavo Duarte 305
João Paulo Sousa 307
Rui Vieira..... 309
J. C. Lopes Martins 311
Filipe M. F. Palavra313

Novas figuras antropomórficas do Paleolítico Superior na arte do Côa, em dois sítios da margem direita do Douro: Vale de João Esquerdo e Vale do Esfola Cabras

Mário Reis¹

1. Introdução

A iconografia da arte paleolítica europeia segue parâmetros e tipologias relativamente bem definidos. Os motivos mais abundantes são os zoomórficos, com evidente predomínio, quantitativo e simbólico, das representações de grandes herbívoros. Igualmente com grande abundância e variedade são os signos abstractos, também abundantes na arte do Côa, particularmente nos seus momentos mais tardios. Uma terceira tipologia iconográfica, a figuração humana, é na mesma típica da arte paleolítica em geral, mas contrasta com as anteriores pela raridade.

A arte paleolítica do Côa segue fielmente estes parâmetros iconográficos gerais, incluindo na temática que interessa a este texto, a figuração humana, extremamente rara em toda a região. De facto, num universo quantitativo de mais de 4800 motivos paleolíticos inventariados neste momento na arte do Côa, entre zoomorfos, signos e antropomorfos, estes últimos não atingem ainda a meia centena de exemplares em apenas 17 rochas, a que se juntam exemplares na arte móvel do Fariseu (**Fig. 1**), sendo de realçar que cerca de dois quintos destes são de interpretação dúbia. Ou seja, a típica raridade representativa da figura humana é algo bem presente no Côa. Outro dos aspectos normais deste género de representações faz igualmente parte das caracterís-

ticas da arte do Côa, e que consiste na falta de naturalismo e até “estranheza” destas representações, que podem por vezes ser classificadas de “grotescas”, contrastando vivamente com a ingente procura do realismo nas representações zoomórficas, um dos aspectos que mais caracteriza a arte paleolítica. A imensa relevância da representação humana na arte paleolítica no Côa foi revelada muito cedo, pouco antes do desencadear da grande polémica da barragem do Côa, com a descoberta da rocha 2 da Ribeira de Piscos por João Félix e Manuel Almeida (Rebenda 1995: ficha 17), no âmbito do Projecto Arqueológico do Côa, liderado por Nelson Rebenda, que estudava os efeitos patrimoniais da construção da barragem. Por entre as múltiplas descobertas de novas gravuras (sobretudo paleolíticas) que caracterizaram este muito conturbado, mas também muito emocionante período, esta rocha da Ribeira de Piscos foi uma das que mais se destacou, pela presença da primeira figura humana do Paleolítico Superior identificada na região, que ainda hoje é não só a maior mas também a mais original e marcante deste tipo de figuras na região do Côa, o desde então universalmente conhecido como “Homem de Piscos”, representado numa postura emocionalmente marcante e sexualmente explícita (Baptista & Gomes, 1997, 308-309; Reis, 2021, 25-26).

Esta importante descoberta inaugurou o conhecimento de um determinado tipo muito particular de figura humana na região do Côa, que poderíamos designar como o “humanoide Magdalenense”, com mais exemplares identificados a partir de finais do século passado, nas rochas 24 da Ribeira de Piscos e também nas rochas 4 e 8 do vizinho sítio do Fariseu. Ou seja, cerca de uma vintena de exemplares de representações humanas concentravam-se em apenas quatro rochas de dois sítios vizinhos na margem esquerda do rio Côa, com grande destaque para o Homem de Piscos e para a grande colecção na rocha 24 do mesmo sítio. Durante algum tempo, esta situação resumiu o conhecimento da representação humana no Côa, tendo sido publicadas quase todas numa visão de conjunto (Baptista, 2009, 90-105).

No entanto, rapidamente a situação evoluiu, e mais e distintos tipos de figuras humanas paleolíticas

¹ <https://orcid.org/0000-0002-9135-0502>

Fundação Côa Parque, Museu do Côa, Rua do Museu, 5150-620 Vila Nova de Foz Côa

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEEACP), (Universidade de Coimbra), Colégio de S. Jerónimo, 1º Piso, Largo D. Dinis, 3000-395 Coimbra.

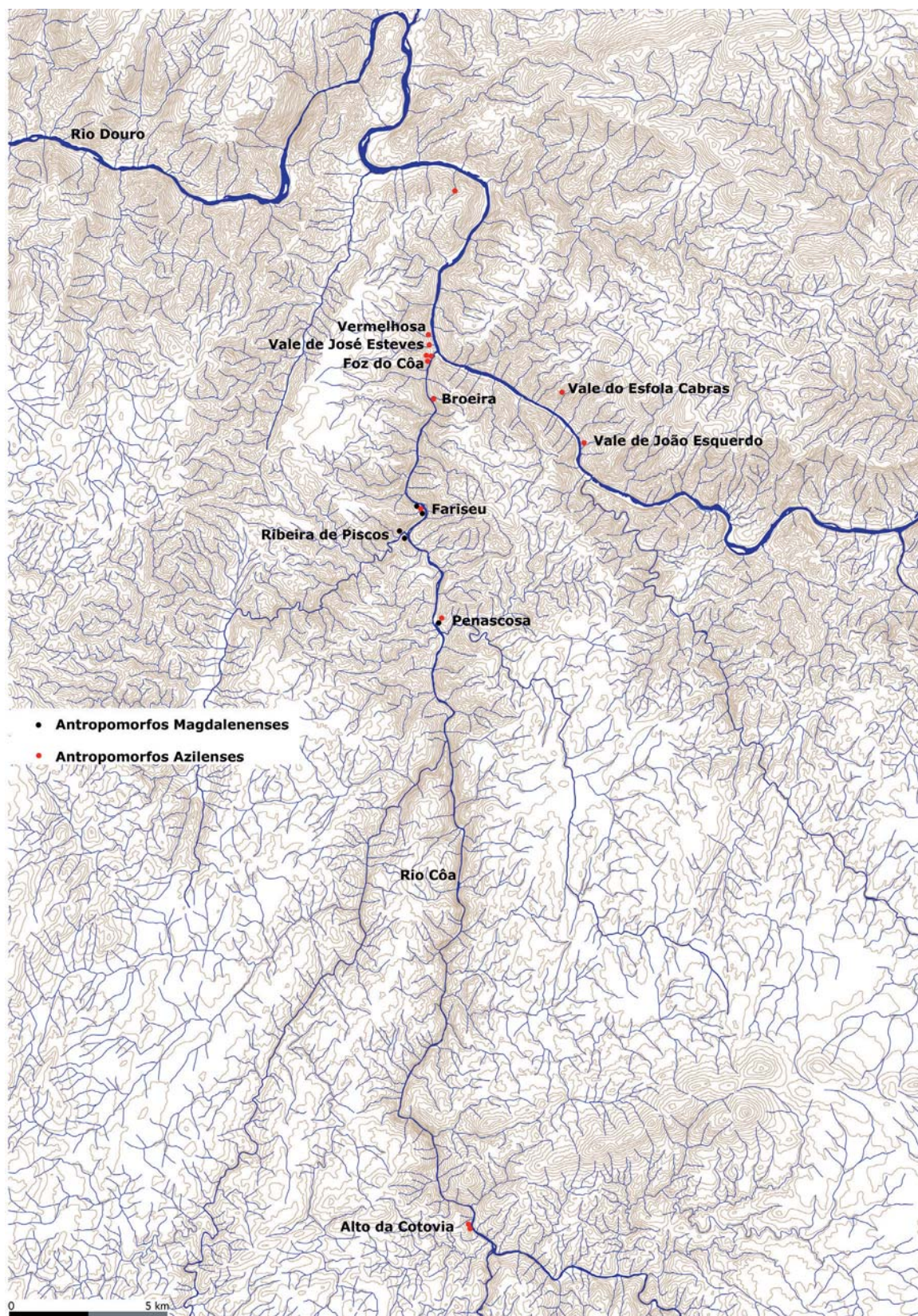


Fig. 1: Distribuição das rochas com figuras antropomórficas paleolíticas da arte do Côa (cartografia adaptada a partir da Carta Corográfica de Portugal - escala 1:50,000, Instituto Geográfico e Cadastral, extractos das folhas 15-A, 15-B)

começaram paulatinamente a ser identificados ao longo da região. Durante algum tempo estas novas descobertas não implicaram mudanças na centralidade e unicidade do par vizinho de sítios Ribeira de Piscos/Fariseu no tocante às figuras humanas de cronologia Magdalenense, uma vez que as novas descobertas, embora ampliassem consideravelmente a distribuição da representação humana na região do Côa, eram de tipos diferentes e cronologias mais tardias. No entanto uma descoberta recente veio igualmente ampliar o âmbito desta distribuição no tocante à cronologia Magdalenense, com a identificação de uma nova figura humana presumivelmente desta cronologia na rocha 38 da Penascosa (Santos, 2023, 99-103), desta feita na margem direita do Côa e cerca de 3 quilómetros para Sul daquele dois sítios. Para além desta ampliação (até ao momento única) da distribuição Magdalenense da figura humana, as novas descobertas, que incluem figuras na arte móvel do Fariseu (Baptista, 2009, 104; Santos *et al.*, 2018) parecem pertencer todas aos momentos finais do Paleolítico Superior, tendo uma cronologia Azilense, na transição do Pleistoceno para o Holoceno. Apesar de se manterem em números muito reduzidos, têm uma distribuição muito mais ampla do que na anterior fase Magdalenense, abrangendo quase toda a área de distribuição da arte paleolítica do Côa, quer ao longo deste rio como também no Douro. Dentro de alguma variedade tipológica, estas novas figuras Azilenses distinguem-se claramente do conjunto figurativo Magdalenense, perdendo as formas corporais redondeadas em detrimento de formatos mais lineares e estereotipados, com corpos e membros tendencialmente longos e estreitos, apresentando por vezes mãos ou pés, nem sempre a cabeça, havendo algumas fálicas, o que permite a identificação de género, algo inacessível nos restantes casos. Esta é uma tipologia que se pode designar por “Subnaturalista”, e que, junto com as restantes figuras zoomórficas Azilenses, poderá estar na base dos estilos subnaturalistas da arte rupestre pós-paleolítica e pré-esquemática, no Côa e noutros locais (Alves *et al.*, 2023; no prelo). Quase todas as figuras humanas paleolíticas conhecidas no Côa são gravadas por incisão fina, com excepção de possíveis figuras pintadas em seixos na

arte móvel do Fariseu (Santos *et al.*, 2018). Mantém-se em aberto a discussão sobre a filiação cultural e cronológica de algumas figuras humanas pintadas, nomeadamente no sítio da Faia (Alves *et al.*, 2023; no prelo). Uma sùmula dos exemplares conhecidos, Magdalenenses e posteriores, foi recentemente publicada (Reis, 2020). O objectivo deste texto é acrescentar ao conjunto publicado mais três novas figuras entretanto identificadas, gravadas por incisão fina e que tipologicamente se inserem no universo cronológico do final do Paleolítico Superior, cuja descoberta vem ampliar a distribuição das figuras humanas deste período na região, sendo a primeira vez que são identificadas na margem direita do Douro e para montante da embocadura do Côa.

2. Contexto arqueológico das novas figuras

A maioria das figuras humanas paleolíticas identificadas na região surgem directamente associadas ao rio Côa, incluindo todas as mais antigas, nos sítios da Ribeira de Piscos, Fariseu e Penascosa, mas também as datáveis do final do Paleolítico Superior, nomeadamente nos sítios do Alto da Cotovia, Broeira ou Foz do Côa. Este último sítio tem já uma forte ligação topográfica em simultâneo com o Côa e com o Douro, e foram também identificadas figuras humanas com ligação directa ao Douro, nomeadamente nos sítios da Vermelha e do Vale Escuro, e ainda com uma possibilidade (duvidosa) no sítio do Vale de José Esteves (Reis, 2020). Todos estes sítios surgem a jusante da embocadura do Côa, dois deles muito perto, apenas com o Vale Escuro a afastar-se bastante mais, a cerca de sete quilómetros da embocadura do Côa e no sítio que assinala um dos fechos da distribuição conhecida da arte paleolítica do Côa. Por outro lado, todos estes últimos sítios partem outra característica: situam-se todos ao longo da margem esquerda do Douro. Na evolução do conhecimento sobre a arte do Côa, ao longo dos já mais de 30 anos de investigação levada a cabo, se o interior do rio Côa teve a primazia inicial no tocante ao conhecimento da arte e da sua distribuição, acumulando maior quantidade de rochas e sítios conhecidos, a margem esquerda do Douro, toda ela pertencente ao concelho de Vila Nova de Foz Côa também rapidamente começou a

assumir protagonismo neste sentido, com destaque para o troço a jusante da embocadura do Côa, que agrega sítios tão notáveis e importantes como o Vale de José Esteves, Vermelhosa, Bulha, Vale de Cabrões, Vale da Casa ou Vale Escuro, entre outros. Já a margem direita do Douro, pertencente ao concelho de Torre de Moncorvo (no tocante à distribuição conhecida da arte rupestre), demorou mais tempo a adquirir protagonismo. Esta demora deve-se unicamente a questões de investigação, e tem vindo a ser corrigida nos últimos anos, com prospecção de arte rupestre orientada para aquela área e consequentes descobertas abundantes de novos sítios e novas rochas decoradas. Assim, neste momento, e numa extensão de aproximadamente 17 quilómetros ao longo desta margem, entre o Pocinho e a zona de Vale d'Arcos, há quase um contínuo de sítios de arte rupestre ao longo da margem direita do Douro, com poucos e curtos vazios de permeio, totalizando já 21 diferentes sítios conhecidos nesta margem, com mais de 200 rochas inventariadas com gravuras de todos os períodos da arte do Côa, com destaque para o Paleolítico Superior e para a Idade do Ferro, num inventário que continua em crescimento

Desta forma, e de um ponto de vista quantitativo, o Côa e o Douro assumem grande destaque na distribuição da arte do Côa, embora o rio Côa mantenha vantagem, com uma área de distribuição maior, congregando mais de metade dos sítios conhecidos na região e quase dois terços das rochas decoradas. Há também algumas diferenças relevantes entre os dois rios no tocante às características da sua arte rupestre, particularmente nos aspectos cronológicos. É perfeitamente claro, hoje em dia, que o princípio da arte paleolítica nesta região ocorreu no interior do vale do Côa, em alguns sítios no troço final do rio (mas não atingindo as imediações da embocadura), tais como a Canada do Inferno, Fariseu, Penascosa e Quinta da Barca, entre outros, com os dados actuais a sugerirem que esse início poderá ter ocorrido no período Gravettense, em torno, ou algo anteriormente, a 30.000 BP (e.g. Reis, 2021, 13-17; Santos, 2023, 73-108). A subsequente fase Solutrense/Magdalenense tem igualmente grande pujança dentro do rio Côa, estando presente nos mesmos sítios anteriores, com a Ribeira de Piscos a

assumir agora grande destaque, mas expandindo-se territorialmente e atingindo (e ultrapassando) a embocadura do Côa, com o próprio sítio da Foz do Côa a assumir grande importância nesta fase. Por fim, a fase terminal da arte paleolítica do Côa, o Azilense, assiste a nova expansão dentro do rio, nos sítios anteriores e em diversos sítios novos. Ou seja, o troço terminal do rio Côa assiste a todo o ciclo da arte paleolítica na região, sempre com grande intensidade.

O mesmo não se pode dizer do troço do rio Douro dentro da região da arte do Côa. De momento, apenas se conhece um único sítio com arte da fase inicial Gravettense, o já mencionado sítio do Vale Escuro na margem esquerda do Douro, já perto da barragem do Pocinho, e apenas numa rocha e com um único motivo. Quanto à arte Magdalenense, esta já entra com força no Douro, mas quase só na margem esquerda a jusante da embocadura do Côa, nomeadamente nos sítios de Vale de Cabrões, Vale de José Esteves ou Tudão, embora também mereçam relevância as figuras Magdalenenses na Canada da Moreira e as recentemente aparecidas na Ribeira da Cabreira, dois sítios na margem esquerda a montante da embocadura do Côa. Na margem direita do Douro a fase Magdalenense encontra-se quase ausente, havendo apenas um ou outro motivo que poderão pertencer (com dúvidas) a esta fase, nomeadamente nos sítios da Canada das Corraliças e do Vale de João Esquerdo. Já o Azilense é a fase da arte paleolítica que preenche plenamente este troço do Douro, com uma presença similar em imensos sítios em ambas as margens, com alguma vantagem para a margem esquerda, e tanto a montante como a jusante da embocadura do Côa.

Hoje é claro que a representação da figura humana segue de alguma forma esta evolução da arte paleolítica do Côa ao longo da sua área de distribuição. À relativa raridade e concentração numa área reduzida da arte da fase mais antiga corresponde a ausência de representação humana, pelo menos até ao momento. A fase Magdalenense tem a sua máxima expressão dentro do Côa, onde também se concentram todas as figuras humanas desta fase até ao momento identificadas. Por sua vez, a fase Azilense, no final do Paleolítico Superior, surge com grande força em toda a área de distribuição da arte do Côa, e as

figuras humanas encontradas acompanham essa tendência, apesar da sua raridade, encontrando-se no interior do Côa desde o sítio do Alto da Cotovia (a aproximadamente 30 quilómetros de distância da embocadura do Côa) até ao ponto de encontro entre os dois rios, e expandindo-se para o Douro,

primeiro apenas a jusante da embocadura do Côa na margem esquerda, e agora, com os novos achados agora apresentados, também para montante do Côa e na margem direita, cobrindo assim quase toda a extensão da distribuição da arte paleolítica ao longo do Douro. Neste momento, faltaria apenas encontrar alguma figura humana na margem esquerda do Douro para montante da embocadura do Côa, para que essa distribuição fosse completa.

3. Os sítios das novas figuras antropomórficas

Neste texto apresentamos três novas figuras humanas, as quais surgem em dois sítios – Vale do Esfolo Cabras e Vale de João Esquerdo, numa rocha em cada sítio – rocha 14 do Vale do Esfolo Cabras, com duas figuras, e rocha 7 do Vale de João Esquerdo, apenas com uma figura humana. Estes dois sítios correspondem, como os nomes indicam, a vales de ribeiras afluentes do Douro, as quais nascem na crista quartzítica elevada que coroa toda a margem direita do Douro para montante da foz do Côa, a partir do grande cabeço (e sítio arqueológico) da Senhora do Castelo de Urros (**Fig. 2**). Desta zona elevada, as ribeiras descem quase linearmente para o Douro, numa extensão de dois ou três quilómetros. Esta é uma topografia típica desta zona do Douro, com uma sucessão apertada de múltiplas ribeiras paralelas e muito semelhantes umas às outras, quase todas com arte rupestre inventariada nas suas margens e encostas. Estes dois sítios, Vale do Esfolo Cabras e Vale de João Esquerdo, surgem muito perto um do outro, apenas com dois vales de permeio, e o Vale de João Esquerdo, o mais afastado, tem a sua foz a aproximadamente cinco quilómetros a montante da embocadura do Côa.



Fig. 2: Assinalados pelas setas, uma panorâmica sobre os dois sítios referidos no texto: Vale do Esfolo Cabras à esquerda e Vale de João Esquerdo à direita (fotografia do autor)

Para além das semelhanças geomorfológicas, os dois sítios têm também um forte parentesco no tocante às características da sua arte rupestre. Estando ambos já quase totalmente prospectados, a quantidade de rochas inventariadas é quase igual: 41 no Vale de João Esquerdo, 44 no Vale do Esfolo Cabras. Têm uma diferença assinalável no que respeita à distribuição destas rochas, que no Vale de João Esquerdo se distribuem ao longo de todo o vale, enquanto que no Vale do Esfolo Cabras se concentram todas na zona central do vale, sem que se conheçam exemplares junto à embocadura da ribeira, no que costuma ser uma implantação típica (**Fig. 3**). Mas, apesar desta distinção, as linhas gerais do conjunto decorado têm fortes semelhanças. Os motivos existentes são unicamente gravados, sempre por incisão, independentemente da sua cronologia. Ambos os sítios apresentam poucas gravuras de Época Moderna e Contemporânea, de escassa relevância. Caracterizam-se sobretudo, como é típico dos sítios ao longo do Douro, pela mescla de gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro, por vezes nas mesmas superfícies mas mais frequentemente em superfícies separadas, e com evidente predomínio quantitativo da Idade do Ferro face ao Paleolítico Superior, algo que é igualmente muito típico nos sítios dispersos ao longo do Douro, contrastando com os do Côa, onde o Paleolítico Superior tende a ser mais abundante. Outra semelhança está na cronologia das figuras paleolíticas, que no Vale do Esfolo Cabras são

exclusivamente Azilenses, do final do Paleolítico Superior, o mesmo quase acontecendo no Vale de João Esquerdo, com excepção de um pequeno conjunto de figuras na rocha 39, que poderão talvez ser ainda Magdalenenses, possivelmente da sua fase final. Por fim, não deixa de ser interessante reparar num outro ponto em comum entre os dois sítios, e que é o grande destaque que assumem no conjunto dos sítios da arte do Côa, nomeadamente ao longo do Douro, no

ciável para a margem direita do Douro mas longe de se destacar no panorama da arte paleolítica do Côa. No Vale de João Esquerdo os números sobem consideravelmente: 13 rochas apresentam mais de 160 figuras paleolíticas, uma quantidade que, sem ser excepcional no contexto global da arte paleolítica do Côa, faz ainda assim deste sítio o maior da margem direita do Douro, e também aquele onde há maior variedade e originalidade figurativa.



Fig. 3: As setas assinalam a localização aproximada das duas rochas com figuras antropomórficas referidas no texto: rocha 14 do Vale do Esfola Cabras (à esquerda) e rocha 7 do Vale de João Esquerdo (à direita) (fotografias do autor)

seu conjunto iconográfico geral de dois períodos cronológicos distintos. Assim, o Vale do Esfola Cabras, que tem 40 rochas com quase 700 motivos da Idade do Ferro, pode considerar-se um dos principais sítios deste período de toda a arte do Côa, não só pela quantidade mas pela imensa qualidade e originalidade do seu conjunto iconográfico sidérico, deixando a alguma distância o conjunto sidérico do Vale de João Esquerdo, ainda assim muito assinalável, com 25 rochas decoradas com quase 300 figuras assinaladas, fazendo boa figura no conjunto da região do Côa, mas sem um destaque especial. Quanto à iconografia do Paleolítico Superior, a situação inverte-se. O Vale do Esfola Cabras apresenta sete rochas decoradas com motivos paleolíticos, que não ultrapassam a meia centena de exemplares, uma quantidade apre-

4. As novas figuras antropomórficas

É uma coincidência interessante que estas novas figuras antropomórficas surgem nas rochas dos respectivos sítios que maior quantidade de figuras paleolíticas apresentam. No Vale do Esfola Cabras a rocha 14 tem mais de 30 figuras paleolíticas, incluindo os dois antropomorfos agora apresentados, uma quantidade a grande distância das restantes rochas paleolíticas do sítio. No Vale de João Esquerdo, a sua figura antropomórfica encontra-se na rocha 7, a mais intensamente decorada deste sítio, com quase 70 figuras inventariadas num painel relativamente pequeno, numa contagem seguramente incompleta na falta de um levantamento completo, num denso e confuso palimpsesto de inúmeros traços e figuras

que fazem desta rocha um dos mais notáveis conjuntos iconográficos da fase final da arte do Paleolítico Superior da região do Côa.

mento a partir de fotografia teve algumas dificuldades, nomeadamente na definição das extremidades. O corpo é longo e estreito, dividindo-se em baixo em

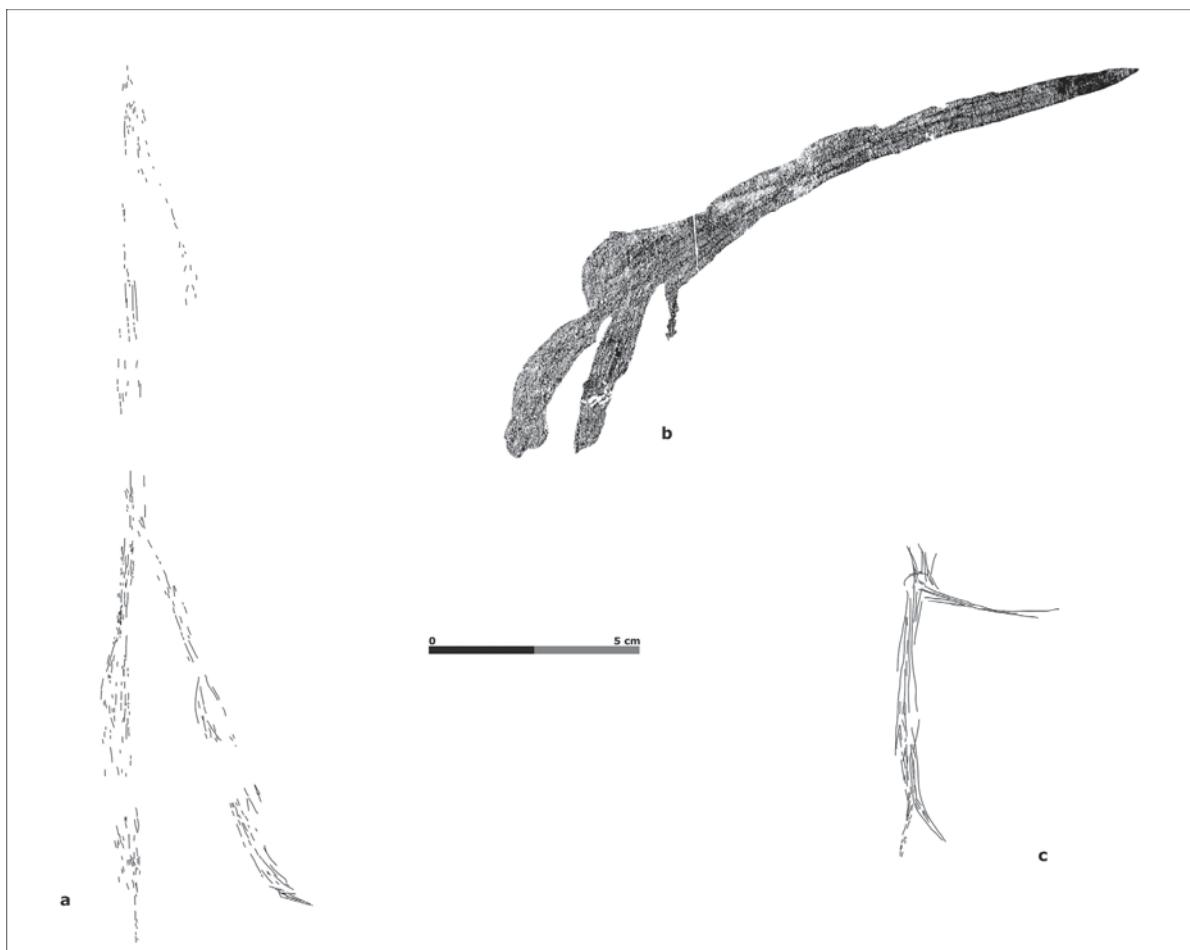


Fig. 4: As três novas figuras antropomórficas, reduzidas à mesma escala, com desenhos feitos a partir de fotografia (pelo autor): a, b – rocha 14 do Vale do Esfola Cabras; c – rocha 7 do Vale do João Esquerdo

As três figuras antropomórficas destas duas rochas inserem-se dentro do mesmo estilo Subnaturalista acima referido, sendo todas gravadas por incisão e com o corpo estriado, como é típico desta fase, um aspecto técnico partilhado com quase todas as restantes figuras paleolíticas das respectivas rochas (**Fig. 4**). Há algumas diferenças, no entanto, na maneira como hoje se apresentam aos nossos olhos. Na rocha 7 do Vale de João Esquerdo (**Fig. 4c**), a figura tem traços finos e fortemente patinados, é de pequena dimensão (cerca de 7,3 cm de extensão), e mistura-se num denso agregado de variadas figuras, que incluem animais e signos (**Fig. 5**). É assim um motivo de muito difícil percepção visual, e o seu levanta-

duas curtas pernas, e rematando em cima numa pequena cabeça arredondada, da qual emergem para cima vários traços, que poderiam eventualmente ser interpretados como pequenos cornos ou longas orelhas (ou ambos, uma vez que são mais do que dois), e que lhe poderão conferir um carácter híbrido. O único braço detectado arranca junto à cabeça, como frequentemente acontece neste estilo figurativo, e também sucede com o antropomorfo 1 da rocha 14 do Vale do Esfola Cabras, mas tem a originalidade de se desenvolver na horizontal, não sendo claro, pela imensa profusão de traços de várias figuras, se remata ou não em mão, embora aparentemente isso não aconteça.



Fig. 5: A zona do painel onde se insere a figura antropomórfica da rocha 7 do Vale de João Esquerdo, a qual é realçada na fotografia através do desenho. Note-se a grande quantidade e densidade de figuras paleolíticas incisas, que incluem vários animais e alguns signos (fotografia do autor)

A mesma imperceptibilidade visual acontece com o antropomorfo 1 da rocha 14 do Vale do Esfolo Cabras (**Fig. 4a**), mas por motivos diferentes. Apesar da sua apreciável dimensão, sendo a maior das três figuras com aproximadamente 20,3 cm de extensão, os seus traços foram debilmente gravados, quase não formando sulcos aprofundados (e que por isso não se salientam com luz rasante, natural ou artificial), e tendo apenas um escasso contraste cromático com a superfície. Para mais, encontra-se numa zona do painel em que surgem múltiplos outros traços de características semelhantes pertencentes a outras figuras, tanto paleolíticas como da Idade do Ferro. O seu levantamento foi assim particularmen-

te difícil, sobretudo na parte superior, do corpo e possível braço, sendo possível que se tenham falhado alguns traços. A parte inferior da figura, correspondente às pernas e a sua junção com o tronco, é a mais perceptível e o desenho estará muito próximo da realidade. Quanto à ausência de cabeça, é relativamente comum nas figuras deste estilo, como por exemplo num dos antropomorfos da Broeira 11 ou no antropomorfo da Foz do Côa 151

(Reis, 2020, 548, Figura 3).

Quanto ao antropomorfo 2 da rocha 14 do Vale do Esfolo Cabras (**Fig. 4b**), apenas ligeiramente mais pequeno (cerca de 17,4 cm de extensão), o caso é diferente. Tendo as mesmas características de gravação que o anterior, os traços são mais largos e o contraste cromático com a superfície muito mais forte, situando-se numa zona do painel quase vazia de outros traços ou figuras, pelo que a sua percepção visual é fácil (**Fig. 6**). O seu levantamento a partir e fotografia foi feito de forma diferente dos outros, pela dificuldade em definir os traços individualmente, uma vez que estes se misturam numa espécie de “borrão” cromático. Assim, o levantamento foi feito utilizando a mesma

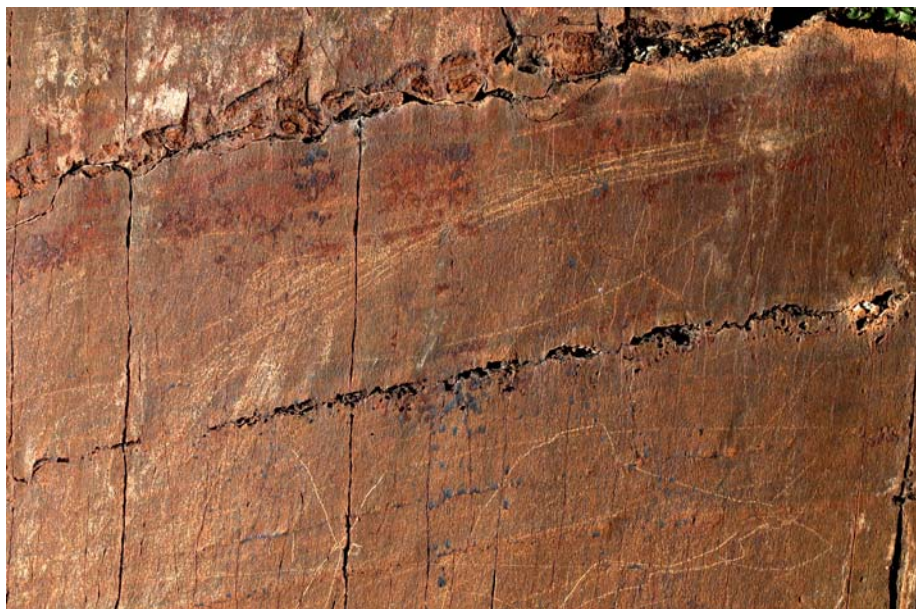


Fig. 6: Aspecto de um dos antropomorfos da rocha 14 do Vale do Esfolo Cabras (fotografia do autor)

metodologia que se tem adoptado para levantar pintura rupestre no Côa, nomeadamente pelo projecto LandCRAFT (Alves *et al.*; no prelo), não desenhando em cima da fotografia mas fazendo a sua “extracção” digital a partir desta. É também a mais peculiar entre as três figuras aqui apresentadas, tendo laivos de originalidade no conjunto das figuras humanas do Côa, embora sem fugir ao predominante estilo Subnaturalista. Apresenta-se fortemente inclinada para a frente, não em posição plenamente deitada, mas quase como se estivesse em queda. Não tem braços, e o longo corpo estriado termina em vértice, como a figura do Vale Escuro 11 (Reis, 2020, 548, Figura 3), sem cabeça plenamente definida. As pernas, pelo contrário, são largas e bem definidas, com uma traseira saliente e muito arredondada e um falo proeminente.

5. Palavras finais

As três novas figuras antropomórficas paleolíticas aqui apresentadas pela primeira vez são as primeiras, dentro da região da arte do Côa, identificadas na margem direita do Douro. Partilham todas o mesmo estilo Subnaturalista que caracteriza a fase final da arte do Paleolítico Superior, mas têm cada uma particularidades distintas. Na rocha 14 do Vale do Esfola Cabras, o antropomorfo 1 será talvez a mais “clássica” do grupo, contrastando com a viva originalidade do antropomorfo 2. Na rocha 7 do Vale de João Esquerdo, dentro de algum classicismo similar à anteriormente mencionada, tem como traços originais a representação da cabeça, a qual sugere que se poderá tratar de uma figura híbrida, com rasgos predominantemente humanos mas de carácter mais zoomórfico na cabeça e nos seus apêndices.

A identificação destas novas figuras vem alargar a distribuição da representação humana na região da arte do Côa, para a margem direita do Douro e para montante da embocadura do Côa, numa zona onde estavam ausentes. Sustenta igualmente a maior amplitude distributiva das figuras humanas Azilenses, do final do Paleolítico Superior, que com esta descoberta cobrem agora quase toda a área por onde se distribui a arte paleolítica do Côa, contrastando com a concentração no interior do Côa das representa-

ção humana da fase anterior Magdalenense.

Juntando-se às figuras humanas anteriormente conhecidas na região, com a sua expressividade, a sua associação e integração com o restante reportório iconográfico paleolítico, esta descoberta vem de novo salientar que, apesar da raridade, a representação humana tem um lugar fundamental nos códigos e significados simbólicos da arte paleolítica, assumindo um papel particularmente relevante no conjunto da arte paleolítica do Côa, onde formam um conjunto de enorme importância a nível europeu, sendo expectável que a continuação da investigação possa revelar mais exemplares.

Bibliografia

ALVES, L. B.; MARTINS, A. & REIS, M. (2023), “Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa”, in ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1801-1814.

ALVES, L. B.; REIS, M.; LOPES, S.; COMENDADOR REY, B.; CAETANO, V. & CARDOSO, J. M. (no prelo), “From the Palaeolithic to the Neolithic: change, continuity and distant relations in the Subnaturalistic rock art of the Côa Valley (Portugal)”. *III Côa Symposium*.

BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1997), “Arte Rupestre”, in ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

BAPTISTA, A. M. (2009), *O paradigma perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de ar livre em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa, Edições Afrontamento/Parque Arqueológico do Vale do Côa.

REBANDA, N. (1995), *Barragem de Vila Nova de Foz-Côa. Breve balanço dos trabalhos arqueológicos*. Relatório não publicado, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Património Cultural, I.P.).

REIS, M. (2020), “Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa”, in ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal: 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 537-549.

REIS, M. (2021), “Emotions at the surface: Ribeira de Piscos, and the role of emotionality in its establishment as the major Magdalenian site within the open-air Côa Region rock art complex (Portugal). *Adoranten*, 52, pp. 5-40.

SANTOS, A. T. (2023), “A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural”, in CORREIA, D. & SANTOS, A. T. (eds.), *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 55-115.

SANTOS, A. T.; AUBRY, T.; BARBOSA, A. F.; GARCÍA DIEZ, M. & SAMPAIO, J. D. (2018), “O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: A arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa)”. *Portvgalia*, 39, pp. 5-96.